



CAPA / COVER

78 EMBAIXADORES DA ARTE

A jornada de quatro artistas brasileiros – Antonio Peticov, Zélio, Claudio Tozzi e Caciporé – que percorreram a Itália em busca de inspiração para obras que são exibidas a partir deste mês.

AMBASSADORS OF ART • The journey of four Brazilian artists – Antonio Peticov, Zélio, Claudio Tozzi and Caciporé – traveling through Italy in search of inspiration for works that go on display this month

CAPAS

EMBAIXADORES DA ARTE

AMBASSADORS OF ART

QUATRO ARTISTAS BRASILEIROS, DE 2 DIAS DE VIAGEM, 11 REGIÕES, MAIS DE 3 MIL
QUILÔMETROS PERCORRIDOS DE CARRO, AVIÃO E BARCO. O OBJETIVO: UMA TURNÊ DE
INSPIRAÇÃO PELA ITÁLIA PARA PRODUCIR OBRAS QUE SERÃO APRESENTADAS EM UMA
EXPOSIÇÃO ITINERANTE NO BRASIL A PARTIR DESTE MÊS.

FOUR BRAZILIAN ARTISTS, TEN DAYS OF TRAVEL, 11 REGIONS, OVER 1,800 MILES COVERED
BY CAR, PLANE AND BOAT. ONE OBJECTIVE: AN INSPIRATIONAL TOUR OF ITALY TO PRODUCE
WORKS TO BE PRESENTED IN AN ITINERANT EXHIBITION THAT WILL TRAVEL THROUGH
BRAZIL STARTING THIS MONTH.

POR/BY ANDRÉ VIANA FOTOS/PHOTOS ADRIANO FAGUNDES





ANTÔNIO PETICOV
Músico, intérprete e
guitarrista brasileiro.
Canta em português
e italiano. Em sua
música há referências
à cultura e à natureza.
Canta e toca instrumentos
rústicos e folclóricos.
Muitas de suas canções
têm letra de poetas
brasileiros e europeus.

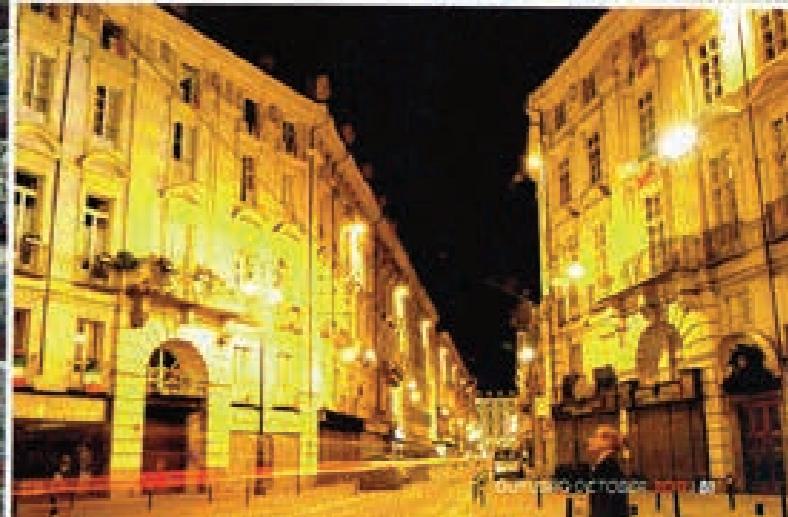
ZÉLIO ALVES PINTO
Músico, intérprete e
guitarrista brasileiro.
Canta em português
e italiano. Muitas de suas
canções falam sobre
o Brasil e o mundo.
Tocou com artistas
internacionais como
Beyoncé, Jennifer Lopez
e Pitbull. É o fundador
do grupo musical
Homen da Pimenta.

CACIPORÉ TORRES
Poeta, escritor,
cineasta e roteirista.
Escreveu os roteiros
de "O Poderoso Chefão"
e "A Grande Família".
Também é autor de
"O Poderoso Chefão"
e "A Grande Família".
Poeta com origens
na cultura popular.
Canta e toca na sua
banda, que é formada
por músicos que
ele conheceu em seu
trabalho de escritor.

CARLOS FAJARDO
Poeta, escritor,
cineasta e roteirista.
Escreveu os roteiros
de "O Poderoso Chefão"
e "A Grande Família".
Também é autor de
"O Poderoso Chefão"
e "A Grande Família".
Poeta com origens
na cultura popular.
Canta e toca na sua
banda, que é formada
por músicos que
ele conheceu em seu
trabalho de escritor.



Itália
A viagem internacional
deixa o Poderoso Chefão no Lago
di Como, uma das mais belas
e românticas paisagens da Itália.
Aqui, os artistas se divertem.
The journey begins in the province
of the hotel Villa Melzi, on Lake
Como, one of the most beautiful
and romantic landscapes in Italy.



O cenário é estranhamente bonito. Um rio seco e seco que desce das encostas devorando pedras e rachos de flores
ta e até mesmo um hotel, do qual sobrou apenas parte do telhado
para contar a história. Foi o resultado de um suspiro de lava dado
em 2007 por uma das 200 aberturas auxiliares do vulcão Etna –
chamado pelos sicilianos de o montanha com a mesma deferência
de quem diz la mamma ou al dente. O dia está ensolarado e impõe
no horizonte. De onde estão, é possível ver o cume do Monte Etna
e o mar Tirreno de longe.

Assim que saíram do jeep, Antônio e Zélio se divertem revolvendo si chão com o bico do sapato, à cata de pedrinhas de
lava seca para levar de recordação. Cláudio e Cacci, enquanto
admiram tudo à volta, devaneiam sobre o tipo de obra que
Carlos Fajardo, Tunga e Carlos Vergara fariam inspirados em toda
aquele lava petrificada a mil metros de altitude. É quando toca o
celular de Cacci, uma moça de São Paulo vendendo produ-
tos naturais. "Você sabe onde estou, minha querida? Na Sicília?",
ele diz, as mãos para o alto de felicidade. "Onde? No largo Santa
Cecília?", ela questionou do outro lado da linha, inocentemente.

Monte Etna, Sicília, ponto alto de uma viagem iniciada nove
dias antes no aeroporto de Malpensa, em Milão. Um rápido re-
torno ao começo da história para contá-la desde o princípio. Ca-
ciporé Torres, Cláudio Tavares, Zélio Alves Pinto e Antônio Peticov
agora acabam de passar pela movimentada área de desembarque
que com suas malas, Francesca e Giuseppe, guias da Agência
Nacional Italiana de Turismo, a Enit, já estão à espera. São eles
que conduzirão os quatro artistas brasileiros em um roteiro de
dez dias por 11 regiões italianas. A proposta: uma jornada de re-

The setting is oddly beautiful. A dried black river stretching down the snowy slopes plowed through hunks of forest and even a hotel, of which only part of the roof survived to tell the story. It was the result of a burst of lava that erupted in 2007 from one of the 200 auxiliary openings in the volcano Etna – called “the mountain” by Sicilians with the same deference of those who say la mamma or al dente. The day is sunny and the sky is clear. From where they are, it’s possible to see the summit of Mount Etna and the Tyrrhenian Sea in the distance.

As soon as they jump out of the jeep, Antônio and Zélio amuse themselves turning the ground with the tip of their shoes, a search for little shards of dried lava to take as souvenirs. Cláudio and Cacci, while admiring everything around them, muse about the kind of work Carlos Fajardo, Tunga and Carlos Vergara would make inspired by all that petrified lava at an altitude of 5,000 feet. It’s then that Cacci’s cellphone rings: a young lady from São Paulo selling natural products. “Do you know where I am, my dear? In Sicily!” he says, arms raised in joy. “Where? Largo Santa Cecília?” she asked innocently on the other end.

Mount Etna, Sicily, the high point of a journey that began nine days earlier at Malpensa Airport in Milan. A quick return to the beginning of the story in order to tell it right. Caciporé Torres, Cláudio Tavares, Zélio Alves Pinto and Antônio Peticov have now just passed through the busy arrivals area with their luggage. Francesca and Giuseppe, guides from the Italian National Tourism Agency, or Enit, are there waiting. They’re the ones who will take the four Brazilian artists on a ten-day tour through 11 regions of Italy. The proposal: a journey of dis-.



conhecimento pela Itália para que produzam, na volta ao Brasil, obras inspiradas no que viram, provaram e sentiram. [leia mais à página 90]

IN BRIEF

A parada inaugural é no Lago di Como, ao norte de Milão, na Lombardia, região que já foi austriaca antes da unificação italiana, em 1870. A recepção oficial acontece nos jardins do Villa d'Este, o luxuoso hotel instalado em um palazzo do século 16, que já serviu café da manhã a personalidades como Mark Twain, Madonna e Greta Garbo. E terá um significado mais forte ainda para Caciporé, de 76 anos, um escultor de ferro, com obras que marcam a entrada de instituições paulistanas como o Museu de Arte Moderna e a Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Foi lá que a guia Francesca, não encontrando pronúncia confortável para seu nome, rebatizou-o de Gacci (meia-se Cacci). "Adorei! Adorei!", diz ele, às gargalhadas, enquanto brinda com uma taça renovada de prosecco.

A manhã seguinte começa cedo a caminho do Vale d'Aosta, região aos pés do Monte Branco, na fronteira com a Suíça. É justamente a arquitetura típica do país vizinho o que chama a atenção de Claudio Tazzì, 66 anos, formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP nos anos 1970: "É uma Itália específica, no meio das montanhas: isso é novo para mim". Em Courmayeur, Zélio, de 75 anos, morador de Caratinga, vê pela primeira vez um detalhe na paisagem italiana que desperta seu interesse ao longo de toda a viagem: os promontórios, cascos formados por rochedos. "Esses castelos no alto da colina são o Google Maps de antigamente", brinca.

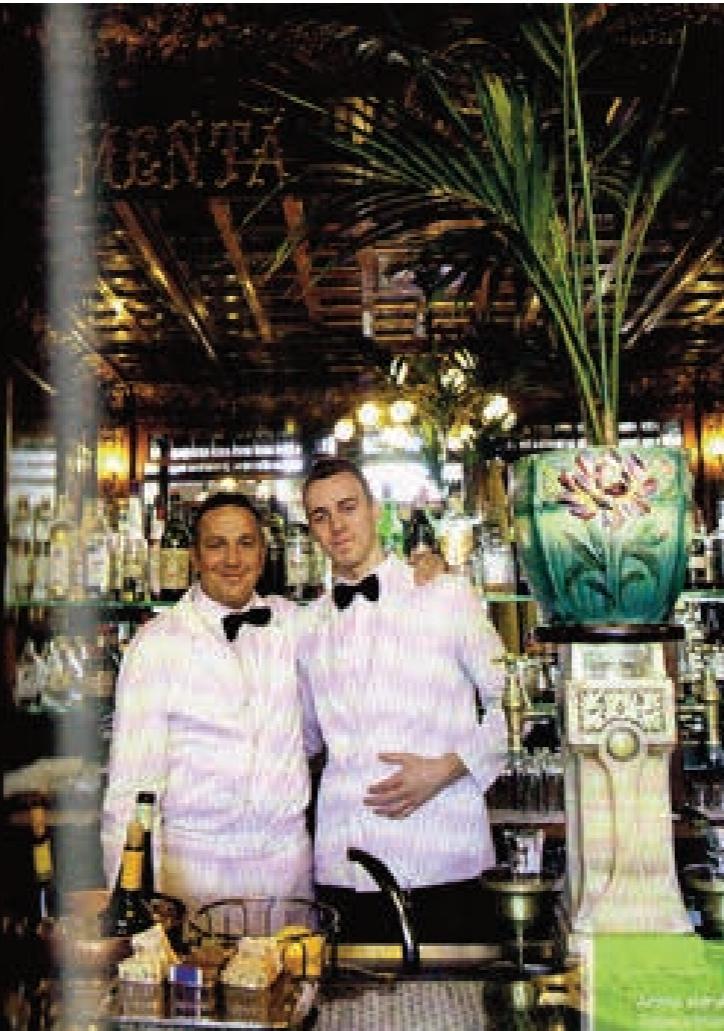
A segunda noite da viagem termina em Turim, no Piemonte. É mafio, o verão se aproxima e, com ele, uma atmosfera prazerosa

very through Italy so that, upon their return to Brazil, they can produce works inspired by what they've seen, tasted and felt. [read more on page 90]

RENAMED

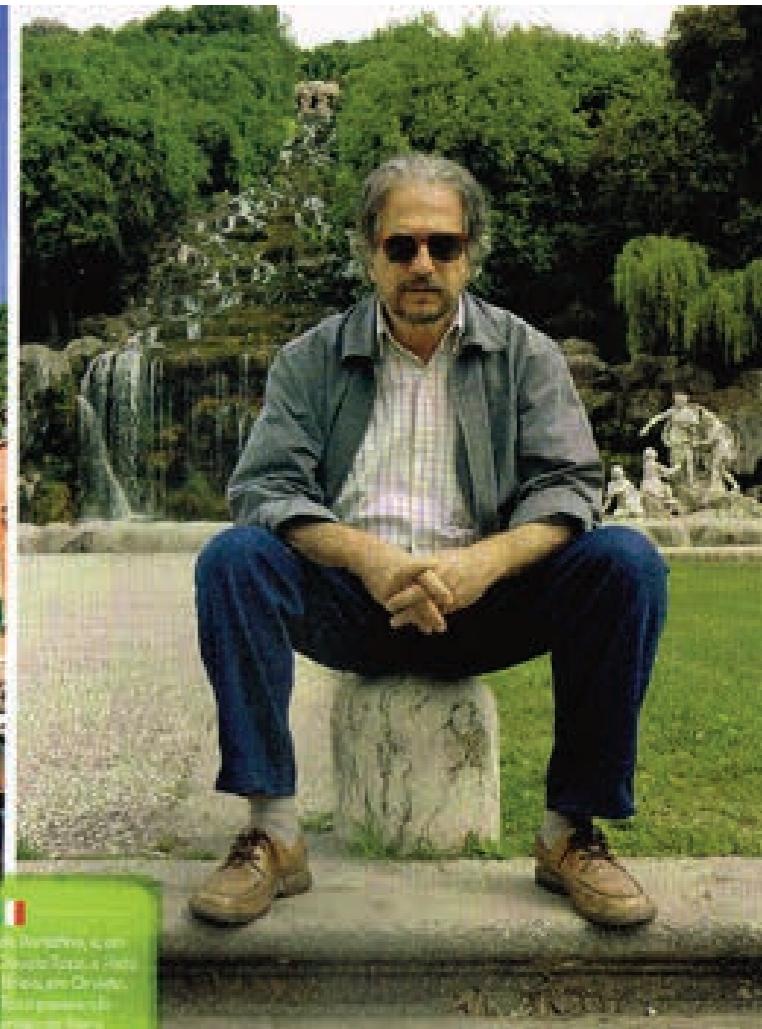
The first stop is at Lago di Como, north of Milan, in Lombardy, a region that was part of Austria before the unification of Italy in 1870. The official reception takes place in the gardens of Villa d'Este, the luxurious hotel installed in a 16th-century palazzo, which once served breakfast to such personalities as Mark Twain, Madonna and Greta Garbo. And it has a special meaning for Caciporé, 76, a sculptor of iron, whose works have been placed in São Paulo institutions like the Museu de Arte Moderna and Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). It was there that guide Francesca, unable to find a comfortable pronunciation of his name, rechristened him Gacci. "I love it! I love it!" he says, laughing, while raising a newly refilled glass of sparkling wine in a toast.

Early the next morning, we hit the road to Valle d'Aosta, a region at the foot of Monte Branco, on the border with Switzerland. And it is precisely the traditional architecture of the neighboring country that calls the attention of Claudio Tazzì, 66, who earned a degree from the University of São Paulo College of Architecture and Urbanism in the 1970s: "It's a specific Italy, in the middle of the mountains. This is new for me." In Courmayeur, Zélio, 75, a Minas Gerais native from Caratinga, sees a detail in the Italian landscape for the first time that would pique his interest throughout the entire trip: the cliffs rocky capes! "These castles on top of the hill were the Google Maps of the past," he jokes.



A PIAZZA DEL CAMPO, EM SIENA, É
CONSIDERADA POR MUITOS O UMBIGO
IRREGULAR DA ITÁLIA

PIAZZA DEL CAMPO, IN SIENA, IS
CONSIDERED BY MANY TO BE ITALY'S
IRREGULAR BELLYBUTTON



que parece se autorregular. Durante o dia o calor é quase sempre ameno, mas se o sol das 11 da manhã apertar é possível realizar fugas magistrais, como a visita feita à Galleria Civica d'Arte Moderna e Contemporânea, de Turim. No caminho, um cartaz na rua atrai o olhar de Claudio: "É uma releitura da bandeira italiana que tem ligação com minha pintura, no qual reabrolo um elemento que já existe", justifica.

A noite, depois de duas horas de estrada até a região da Ligúria e de um jantar reconfortante, a brisa mediterrânea pede uma caminhada pelas ruas da charmosa e diminuta Santa Margherita Ligure, vilarejo que volta o rosto para o mar e de onde se avistam as luzes de Portofino, distante alguns quilômetros, dali – a mesma Portofino onde Cacci viveu durante um mês depois de ganhar, aos 16 anos, uma bolsa de estudos de um ano na Itália como prêmio da primeira Bienal de São Paulo, em 1951. Um passeio matinal no terceiro dia é um almoço por lá servem de antessala para uma viagem de 3 horas rumo a Castellina in Chianti, perto de Siena, na Toscana.

UM PEDIDO DE AJUDA

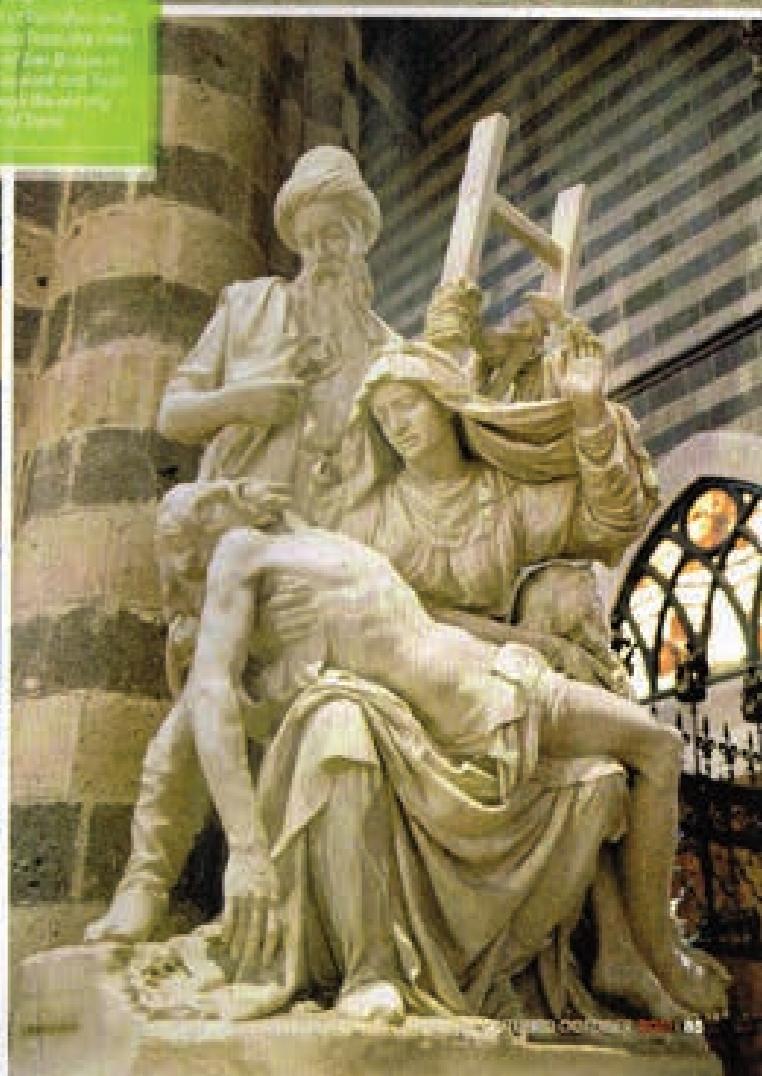
Difícil descrever a Toscana sem cair nos lugares-comuns presentes em milhares de filmes, fotos e quadros, pois a região é, por excelência, o painel de fundo perfeito para qualquer obra de qualquer época. O que pode ser dito, no entanto, é que, ao longo de todo o trajeto, Peixoto, 65 anos, praticamente não desgruda sua máquina digital do vidro do carro. Principalmente ao cruzar os típicos campos dourados e seus gigantescos rolos de palha. "Gosto dos campos", diz, sem tirar os olhos do visor da câmera. "E esses rolos, bicho, olha que maneira criativa de fazer o produto o próprio meio de transporte!"

The second night of travel ends in Turin, in Piedmont. It's May, summer's on the way and, with it, a pleasant climate that seems to regulate itself. During the day, the heat is always moderate, but if the 11 a.m. sun starts to beat down, there are always majestic escapes to be made, like a visit to the Galleria Civica d'Arte Moderna e Contemporanea, in Turin. On the way there, a sign on the street catches Claudio's eye: "It's a rereading of the Italian flag, which has a connection to my painting, in which I rework an already-existing element," he explains.

At night, after two hours on the road to the region of Liguria and a refreshing dinner, the Mediterranean breeze calls for a stroll through the streets of the quaint and minuscule Santa Margherita Ligure, an other little village facing the sea from where you can view the lights of Portofino, a few miles away – the same Portofino where Cacci lived for a month at age 16, after winning a year's scholarship to study in Italy, a prize of the first São Paulo Biennale, in 1951. A morning walk on the third day and a lunch serve as the preamble to a 3-hour trip en coursse for Castellina in Chianti, nearby Siena, in Tuscany.

A REQUEST FOR HELP

It's hard to describe Tuscany without touching on places commonly presented in thousands of movies, photos and paintings, since the region is, for its excellence, the perfect background for any work from any era. What we can say, however, is that Peixoto, 65, had his digital camera aimed through the car window practically during the whole ride. Especially when crossing the typical golden fields and their gigantic bales of hay. "I like the fields," he says, without taking his eyes off the camera's viewer.





ele aponta com o queixo. "Nesse tipo de relação do homem com a natureza, o italiano é mestre."

A Piazza del Campo, em Siena, com seu calçamento de sete séculos e o formato em leque que segue a inclinação natural do vale do Montone, é considerada por muitos italianos o umbigo irregular da Itália. Ali, todo ano, se espremem 60 mil pessoas para ver o Palio, a famosa corrida de cavalos ao redor da praça que dura meros 72 segundos. No meio da piazza, os quatro artistas giram sobre o próprio eixo sem conseguirem se fixar em um único ponto. "Que praça!", resume Zélio. "É uma coisa de louco! Para onde você olha, seu ponto de referência muda a todo instante", emenda Cacci. "E como é bonita essa mistura entre o velho e o novo que eles fazem", completa Tozzi, ainda se lembrando da visita feita três esquinas antes à Basílica di San Domenico, construída em 1225, mas com vitrais dos anos 1980.

Depois de um almoço regado a Sangiovese di Montalcino, hora de seguir viagem para Orvieto, na Úmbria, e de lá para Roma, onde perniciariam. Encravada no alto de uma rocha vulcânica, Orvieto era onde os papás se abrigavam quando havia epidemias em Roma. A joia da cidade é a Cappella di San Brizio. Lá, diante das cenas do Gênesis esculpidas em mármore na parede externa da igreja, Cacci decreta: "Acabou! Tenho vergonha de fazer qualquer trabalho diante disso!". No interior da igreja, a Pieta feita por Ippolito Scalza em 1579 arranca uma exclamação insólita de Zélio: "Deus do céu, me ajuda!". Já na van, a caminho de Roma, Peticov cochicha para Claudio: "Morei 14 anos em Milão e nunca aprendi tanto sobre arte como nessas visitas a Siena e Orvieto".

"And these boles, man, look at the creative way of making the product itself a means of transportation!" he points with his chin. "When it comes to this kind of relationship between man and nature, Italians are masters."

Piazza del Campo, in Siena, with its seven-centuries-old pavement and its fan shape which follows the natural slope of the mountain's valley, is considered by many Italians the country's irregular bellybutton. There, every year, 60 thousand people pack in to see the Palio, the famous horse race around the piazza which lasts a mere 72 seconds. In the middle of the piazza, the four artists turn on their own axes, unable to focus on a single point. "What a city square!", sums up Zélio. "It's crazy! Whenever you look, your point of reference changes every second," Cacci adds. "And this mixture of the old and the new that they make is so beautiful," exclaims Tozzi, remembering the visit three blocks before to the Basílica di San Domenico, constructed in 1225, but with stained-glass windows from the 1980s.

After a lunch, accompanied by plenty of Sangiovese di Montalcino, it's time to head to Orvieto, in Umbria, and from there on to Rome, where they would spend the night. Imbedded at the top of a volcanic rock, Orvieto was once refuge for the pope when there were epidemics in Rome. The jewel of the city is the Cappella di San Brizio. There, faced with scenes of Genesis sculpted in marble on the church's external wall, Cacci declares: "It's over! I'm embarrassed to make any more works after this!" Inside the church, the Pieta made by Ippolito Scalza in 1579 provokes a remarkable outburst from Zélio: "Lord almighty, help me!" Later, in the van, on the ride to Rome, Peticov whispers to Claudio: "I lived in Milan for 14 years and I never learned so



A passagem pela capital no sexto dia de viagem é rápida e se resume a uma caminhada matinal pelo bairro histórico essencial: Fontana di Trevi, Pantheon (onde está o túmulo de Rafael Sanzio) e Piazza Navona, onde o embaixador brasileiro José Viegas Filho aguarda os artistas para um café no prédio da embaixada. É a primeira vez em que Zélio pisa nas dependências do palazzo Pamphilj depois da visita que fez como repórter de O Cruzeiro, em 1980. Depois de um sorvete para aplacar o calor na famosa Tre Scalini, o caminho agora é para o aeroporto de Fiumicino. Próximo destino: Cagliari, na Sardenha.

TRAJMA

O tão propagado mistério da paisagem sarda, com suas pedras e salinas, seus pântanos com flamingos, sua vegetação colorida e rasteira, reforça uma frase do escritor italiano Elio Vittorini: "Cada coisa na vida da Sardenha se torna imemorial". Nesta ilha pouco maior do que o estado de Sergipe, situada a apenas 180 quilômetros da Tunísia, fenícios, romanos, genoveses, napolitanos, sicilianos, corsos, catalães, maiorquinos, valencianos e franceses deixaram sua marca ao longo de quase 3 mil anos. "Estou impressionado com a força da cultura mediterrânea", sentencia Peticov, entre dois goles de Mirtos, um digestivo local, ao término de um almoço rústico de fim de tarde que ficaria na memória de todos como o banquete da viagem.

À medida que os dias passam, Peticov, assim como o resto do grupo, se mostra cada vez mais sensível a tudo o que se refere à Itália. A chegada a Nápoles, depois da volta da Sardenha e da manhã de visita ao palácio real de Caserta, na região da Campanha, é emblemática. Descendo de van po-

much about art as on these visits to Siena and Orvieto".

The passage through the capital on the sixth day of the journey is quick and is summed up by a morning walk through the essential historical circuit: Fontana di Trevi, the Pantheon (where the tomb of Rafael Sanzio is) and Piazza Navona, where Brazilian ambassador José Viegas Filho awaits the artists to have coffee at the embassy building. This is the first time that Zélio has set foot on the premises of the Palazzo Pamphilj since visiting as a reporter for O Cruzeiro in 1980. After some ice cream to ease the heat at the famous Tre Scalini, the journey now is to the Fiumicino airport. Next stop: Cagliari, in Sardinia.

TRAJMA

The widely propagated mystery of the Sardinian landscape with its stones and salt mines, its marshlands with flamingos, its colorful and low-lying vegetation, recalls a sentence from Italian writer Elio Vittorini: "Every thing in the life of Sardinia turns immemorial." On this island that's just a little bigger than the state of Sergipe, situated just 112 miles from Tunisia, Phoenicians, Romans, Genoese, Neapolitans, Sicilians, Corsicans, Catalans, Majorcans, Valencians and Frenchmen have left their mark throughout almost 3 thousand years. "I'm impressed with the power of Mediterranean culture," states Peticov between two gulps of Mirtos, a local digestive beverage, after finishing a rustic late-afternoon lunch that will remain in the memory of all as the feast of the trip.

As the days pass, Peticov, just like the others in the group, is clearly more sensitive to all things Italian. Their arrival in Naples, after the return from Sardinia and a morning visit to the royal palace of Caserta, in the Campania region, is emblematic. As the van drives

A EXPOSIÇÃO / THE EXHIBITION

A Itália vista pelos olhos de artistas estrangeiros: este é o mote do projeto *Italia Comes To You*, criado com o objetivo de estreitar, a partir de grandes eventos promocionais, as relações entre a Itália e as quatro economias mundiais que mais crescem atualmente: Brasil, Rússia, Índia e China (quando o projeto foi desenvolvido, a África do Sul ainda não havia entrado para o chamado BRIC). Iniciativa do governo italiano e da Agência Nacional Italiana de Turismo, a Enit, órgão de promoção turística da Itália no exterior, o projeto tem como carro-chefe exposições itinerantes com artistas dos quatro países e suas obras inspiradas numa viagem pela Itália. Para contemplar todas as 20 regiões italianas, os dez artistas brasileiros convidados para o projeto foram divididos em dois grupos. A turma desta reportagem mapeou a parte da Itália voltada para o Mar Tirreno. O outro grupo, composto por jovens expoentes do design, da música, da fotografia e da pintura, percorreu de fio a pavio a Itália voltada para o Mar Adriático. As exposições aconteceram em São Paulo (de 15 a 23 de outubro), em Porto Alegre (de 29 de outubro a 6 de novembro) e no Rio de Janeiro (de 12 a 20 de novembro). Para mais informações: italiacomestoyou.com/. / Italy seen through the eyes of foreign artists: this is the motto of the project *Italia Comes To You*, created with the objective of strengthening, by way of large promotional events, Italy's relationship with the world's four fastest growing economies: Brazil, Russia, India and China (when the project was first developed, South Africa had not yet been included in what was then called the BRIC). An initiative of the Italian government and the Italian National Tourism Agency, or Enit, the organization that promotes Italy's tourism abroad, the project's main event is a group of traveling exhibitions with artists from the four nations and their works inspired by a voyage through Italy. In order to experience all twenty regions of Italy, the ten Brazilian artists invited to participate in the project were divided into two groups. The crew seen in this article covered the part of Italy bathed by the Tyrrhenian Sea. The other group, comprised of young exponents of design, music, photography and painting, covered the part of Italy bathed by the Adriatic Sea from top to bottom. The exhibitions will be held in São Paulo (from October 15th to the 23th), Porto Alegre (from October 29th to November 6th) and Rio de Janeiro (from November 12th to the 20th). For more information: www.italiacomestoyou.com/.



nas escarpas napolitanas com "O Sole Mio" tocando no rádio, Zélio de repente sussurra para trás: "Peti está emocionado, às lágrimas...". Petcov explicaria mais tarde: "É uma música da minha primeira infância e nunca imaginei que pudesse ouvi-la chegando a Nápoles".

Depois de uma noite dormida de frente para o Vesúvio, o oitavo dia de viagem começa com uma esticada de cinco horas até a região da Calábria, no bico da bota. Colônia grega séculos antes do Cristo, a herança genética ainda é visível no perfil das moçoilas in fiori ("sto calabrisella muriri mi fa" — esta calabresa morrer me faz — previne o antigo canto local). Tropea, uma dessas cidades que parecem esculpidas na rocha, serve de décor para uma caminhada de fim de tarde por suas ruas medievais. Enquanto Claudio descreve seu espanto com a escala vertical da costa calabresa, Zélio não para de fotografar plantas e flores: "É dessas cores que preciso para meu trabalho. Elas se repetem por todo a Itália".

Cores como as que encontrão mais uma vez no dia seguinte, depois de cruzarem na balsa Caronte o Estreito de Messina — que separa o continente da Sicília — e subirem até o Monte Etna, com sua vegetação psicodélica e abundante que se alimenta da mesma lava que a destrói, num ciclo natural nunca dantes presenciado pelos quatro artistas brasileiros. A odisséia agora está perto do fim. Resta apenas a manhã do décimo dia pelas ruas de Catânia, visitando museus e feiras de rua, provando doces e salgados preciosos, como o canolli (recheado com creme de ricota) e o orancino (uma coxinha de carne moída), respirando, enfim, os últimos ares de uma viagem intensiva pela Itália, da qual os participantes saíram "completamente traumatizados de informações maravilhosas", no resumo de Cacci. —

down the Neapolitan slopes with "O Sole Mio" playing on the radio, Zélio suddenly whispers to those behind him: "Peti is emotional, in tears..." Petcov explained later on: "It's a song from my early childhood and I never imagined I'd hear it while arriving in Naples."

After a night sleeping in front of the Vesuvius, the eighth day of the voyage begins with a 5-hour sidetrip to the Calabria region, at the tip of the boot. A Greek colony centuries before Christ, the genetic heritage is still evident in the look of the young ladies ("sto calabrisella muriri mi fa" — this Calabrian girl is the death of me — as the old Calabrian song predicts). Tropea, one of those cities that seems sculpted in stone, serves as the setting for a late afternoon walk through its medieval streets. While Claudio describes his amazement at the vertical scale of the Calabrian coast, Zélio is constantly taking pictures of plants and flowers: "These are the colors I need for my work. They are repeated all throughout Italy."

Colors like those which they would encounter get again the next morning, after taking the Caronte ferry across the Strait of Messina, which separates the continent from Sicily, and heading up to Mount Etna, with its abundant and psychedelic vegetation that is fed by the same lava that destroys it, in a cycle of nature never before witnessed by the Brazilian artists. The odyssey is now nearly at its end. All that's left is the morning of the tenth day in the streets of Catania, visiting museums and street markets, trying precious sweets and snacks, like canolis (filled with cream of ricotta) and arancinos (a dumpling made with ground meat). Breathing in the last airs of an intensive journey through Italy, which left the participants "completely traumatized by wonderful information," as Cacci sums it up. —

